



FOTOGRAFIA PARA INCLUSÃO DE JOVENS COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE EDUCAÇÃO

PHOTOGRAPHY FOR INCLUSION OF YOUNGSTERS WITH EDUCATIONAL SPECIAL NEEDS

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317813012017200>

Walter Karwatzki - FEEVALE

RESUMO

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), de 2011, apontam que mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo convive com alguma forma de deficiência, dentre as quais cerca de 200 milhões experimentam dificuldades funcionais consideráveis. Nos próximos anos, a deficiência será uma preocupação ainda maior porque sua incidência tem aumentado. Este relato de experiência apresenta um projeto de extensão de inclusão que tem como campo de estudo a questão da discriminação de adolescentes com necessidades especiais de educação. O objetivo dessa prática foi promover ações, via uma oficina de fotografia, que podem ampliar as possibilidades de inclusão e socialização no contexto de que fazem parte, de jovens em vulnerabilidade de exclusão social, vivenciando o sentimento de pertencimento no dia a dia da sociedade. Visando atender a esses objetivos, foi desenvolvido um projeto entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) de Porto Alegre e duas Escolas Municipais Especiais de Ensino Fundamental, entre os anos de 2013 e 2014. O projeto foi desenvolvido com uma turma de doze alunos, seis de cada escola, e foi acompanhado por duas professoras. Resultaram do projeto duas exposições com as imagens feitas por eles ao longo do curso; uma interna, no IFRS e outra externa, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), resultante de uma seleção por edital.

Palavras-chave: Fotografia. Especiais. Inclusão. Jovens. Pertencimento.

ABSTRACT

World Health Organization (WHO) 2011 data points that more than one billion people in the world live with some kind of deficiency, out of which around 200 million experience considerable functional difficulties. In years to come, deficiency will be an even greater worry, as its frequency has been increasing. The present experiment report presents an extension project of inclusion that has as study field discrimination of teenagers with special educational needs. The practice focus was to promote actions, by means of a photography workshop, that might broaden inclusion and socialization possibilities, in their own contexts, of youngsters, vulnerable to social exclusion, giving them the possibility of feeling they belong to the daily life of society. Aiming to reach this purpose, it has been developed a project between Porto Alegre IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Federal Institute of Education, Science and Technology) – and two Town Special Teaching Fundamental Schools, between 2013 and 2014. The project was developed with a group of twelve students, six of each school, and was monitored by two teachers. As a result, there have been held to exhibitions with images taken by the students along the course; one at IFRS, and the other one at IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil (Brazil Institute of Architects), through a public edict selection.

Key-words: Photography. Special. Inclusion. Youngsters. Belonging.



1 INTRODUÇÃO

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) (2012), apontam que mais de um bilhão de pessoas, em especial jovens com algum tipo de deficiência, enfrentam sérias questões devido à discriminação decorrente de suas condições, apesar de a questão da deficiência atingir a todos os seres humanos de maneira temporária ou permanente, em algum momento de suas vidas.

Segundo a OMS, (2012, p. 9) uma grande quantidade de documentos internacionais tem realçado que os deficientes têm direitos humanos como quaisquer outros, incluindo o Programa de Ação Mundial para as Pessoas Deficientes (1982), a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) e as Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências (1993). Mais de 40 nações adotaram legislação contra a discriminação de deficientes durante os anos 1990. A mais recente Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência, das Nações Unidas – 2006 (CDPD) – é o mais amplo reconhecimento dos direitos humanos das pessoas com deficiência, delineiam seus direitos civis, culturais, políticos, sociais e econômicos, sendo o objetivo “promover, proteger, e garantir o usufruto pleno e igualitário de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por parte das pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente” (apud OMS 2012, p. 9). No capítulo *Introdução do Relatório Mundial Sobre a Deficiência* (2012, p. xxi) é salientado que

Apesar da magnitude da questão, faltam tanto consciência como informação científica sobre as questões relativas à deficiência. Não há consenso sobre definições e pouca informação comparável internacionalmente sobre a incidência, distribuição e tendências da deficiência.

O fotógrafo e historiador Ricardo Mendes (1993, p. 73 - 74) ressalta que

[...] no campo da "inclusão", iniciativas diversas podem ser apontadas, promovidas tanto por instituições culturais como Brasil Connects (projeto Periferia, proposta de Claudia Taddei, coordenada por Sérgio Pizzoli) ou Instituto Itaú Cultural (projeto de Flavia Aidar voltado para crianças de rua), a iniciativas individuais como o Projeto Olho mágico, coordenado por Davilym Dourado (1975) em escolas municipais.

Voltados quase todos para a "educação do olhar", vários desses projetos desenvolvem-se, agora, numa perspectiva que, por vezes, vai além da fotografia e realizam-se enquanto programas educacionais de maior amplitude.



Diz, ainda, Ricardo Mendes (1993, p. 74) que

[...] Nesse aspecto, seria relevante apontar como muitos desses educadores foram alunos ou companheiros de trabalho de Claudio Feijó (1946), um dos fundadores da escola Imagem-Ação, profissional de ensino atento a novas práticas, idealizador da oficina *Descondicionamento do Olhar*.

Num contexto mais restrito, ocorrem iniciativas como a que é apresentada aqui, que buscam viabilizar a prática da fotografia social a adolescentes com Necessidades Especiais de Educação (NEE), projeto de extensão inclusiva que tem como campo de estudo a questão da discriminação de adolescentes com NEE.

Na atualidade, a fotografia é um instrumento muito utilizado como forma de comunicação, principalmente entre adolescentes, seja ela tirada com uma máquina digital específica ou com a do telefone celular. Nunca as pessoas fotografaram e se fotografaram tanto.

Assim, este projeto tem como objetivo geral ampliar as possibilidades de inclusão de jovens em vulnerabilidade de exclusão social, com uma maior socialização no contexto de que fazem parte, na sociedade, por meio da vivência do sentimento de a ela pertencer, no dia a dia, tendo como meio a prática da fotografia social. E, como objetivos específicos, desenvolver a percepção e a compreensão de adolescentes com necessidades específicas quanto à forma como enxergam e interpretam o ambiente e aqueles com quem convivem; dotar adolescentes com necessidades específicas de conhecimentos fotográficos; possibilitar a prática da fotografia e possibilitar a sociabilização nos diferentes ambientes que frequentam.

Cientes dessas iniciativas e preocupados em colaborar, três profissionais da área da educação – duas professoras envolvidas diretamente na educação especial de jovens adolescentes com necessidades especiais de educação e um professor do ensino regular, praticante da fotografia como *hobby* – desenvolveram um projeto de extensão voltado a atender jovens alunos com necessidades específicas. O projeto torna-se relevante por possibilitar a inclusão desses adolescentes, não apenas no contexto da comunicação, em nossa sociedade mas, também, por contribuir, na qualidade de Instituto Federal, com um maior engajamento na sociedade com esta prática inclusiva, em parceria com instituições de ensino



especializadas. Assim, entre agosto de 2013 e junho de 2014, um projeto piloto foi desenvolvido entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/Porto Alegre, em parceria com as Escolas Municipais Especiais de Ensino Fundamental Professora Lygia Morrone Averbuck e Professor Elyseu Paglioli, ambas em Porto Alegre.

Este projeto de extensão foi submetido à Direção de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Porto Alegre para avaliação e liberação para funcionamento, com o nome de *Desenvolvendo percepções através da fotografia: o mundo de adolescentes com necessidades específicas visto através das lentes*. Entre outros, a aprovação deste projeto se deu em vista da efetiva relação entre o ensino e a extensão, caracterizando-se pelas múltiplas trocas efetuadas, ao longo do curso, no processo de aprendizagem de todos os envolvidos. A relação entre pesquisa e extensão evidencia-se no objetivo de desmistificar a imagem de jovens adolescentes com necessidades especiais de educação.

Segundo Adriana Klausen (2013), as escolas especiais envolvidas neste projeto, em especial a Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, têm dado uma significativa contribuição para a inserção de seus alunos no contexto da sociedade, por meio da arte. Desse modo, a arte, além de mediadora, é uma aliada nos processos inclusivos e nas formas de aprendizagem, agindo como ampliadora dos espaços de pertencimento e de apropriação na construção da identidade desses jovens.

Sobre o tema, Adriana Klausen ressalta a colocação de Vitor da Fonseca (1995, p. 9 apud KLAUSEN 2013, p. 17) quando esse diz que “Em nenhuma circunstância se pode privar o deficiente de uma experiência no real, pois todas as experiências servem para aligeirar a predisposição ao isolamento”.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Os dados sobre crianças com necessidades especiais de educação são prejudicados por diferenças nas definições, classificações e categorizações. As definições e métodos para medir a deficiência variam entre os países, com base em pressupostos sobre as diferenças e deficiências humanas, e a importância dada aos diferentes aspectos da deficiência, que podem



ser impedimentos, limitações de atividade e restrição de participação, condição de saúde relatada e fatores ambientais (OMS, 2012, p. 217).

Há, de fato, uma dificuldade muito grande em se encontrar definições universalmente aceitas para questões como *necessidades especiais de educação* e *educação inclusiva*, o que dificulta a comparação dos dados. Outro aspecto é que a categoria coberta pelos termos *necessidades especiais de educação*, *necessidades educacionais especiais* e *educação especial* é mais ampla que a *educação de crianças com deficiência*, pois essa inclui crianças com outras necessidades como, por exemplo, com desvantagens resultantes de gênero, etnia, pobreza, guerra, trauma ou orfandade (OMS, 2012, p. 217).

No que diz respeito aos conceitos relacionados com a questão, as pesquisadoras Maria Elisa Caputo Ferreira e Marly Guimarães (2003, p. 23) dizem que o Programa de Ação Mundial para Pessoas com Deficiência – publicado em 1997 pela Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência da Organização Mundial de Saúde (OMS) – propõe o seguinte:

Deficiência é toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica.

Incapacidade é toda restrição ou falta (devido a uma deficiência) da capacidade de realizar atividade, na forma ou na medida que se considera normal para o ser humano.

Impedimento é situação desvantajosa para um determinado indivíduo, em consequência de uma deficiência ou de uma incapacidade que lhe permite ou impeça o desempenho de um papel que é normal em seu caso (em função de idade, sexo, fatores sociais e culturais).

Tem-se, aqui, portanto, que o grupo de estudantes em pauta pertence aos que, segundo a OMS, têm deficiência ou incapacidade.

Para Vitor da Fonseca (1995, p. 7) há, na problemática da deficiência, um reflexo da maturidade humana e cultural de uma sociedade. Diz o autor que



Há implicitamente uma relatividade cultural, que está na base do julgamento que distingue entre “deficientes” e “não-deficientes”. Essa relatividade confusa, procura, de alguma forma, “afastar” ou “excluir” os “indesejáveis”, cuja presença “ofende”, “perturba” e “ameaça” a ordem social.

Nesse sentido, Adriana Klausen (2013, p.17) ressalta a colocação de Vitor da Fonseca (1995 p. 9) que diz que

Em nenhuma circunstância se pode privar o deficiente de uma experiência no real, pois todas as experiências servem para aligeirar a predisposição ao isolamento [...]. Não somente os pais podem proporcionar e viabilizar esses caminhos, mas a escola também, que através das artes pode potencializar e construir vias de acesso à socialização de alunos com necessidades especiais.

A escola tem um papel fundamental na inclusão de adolescentes com NEE. Em sua pesquisa, Adriana Klausen (2013, p. 17) ressalta que

É certo que à escola deve caber o papel de multiplicadora de ideias, realizando e propondo projetos que possibilitem ligações com a comunidade escolar e com a comunidade do *entorno*, construindo possibilidades de reconhecimento de autoria e autonomia de seus educandos (grifo nosso).

Ainda segundo o Relatório Mundial Sobre a Deficiência (2012, p. 233) é importante que os pais se envolvam em todos os aspectos da aprendizagem e ressalta que

A família é a primeira fonte de educação para uma criança e a maior parte do aprendizado ocorre em casa. Com frequência, os pais são ativos em criar oportunidades educacionais para seus filhos e precisam ser incluídos para mediar o processo de inclusão.

Uma vez apresentados esses princípios norteadores, pode-se constatar que o tripé “família – escola – comunidade” deve agir de maneira conjunta para que os resultados da inclusão sejam cada vez melhores para todos.

Aqui, cabem alguns aspectos que fundamentaram este projeto. Para Sandra Portella



Montardo (2008) a inclusão social são todas as maneiras de possibilitar a autonomia de indivíduos que se encontram, temporariamente ou não, e sob algum aspecto específico, em desvantagem em relação a outros grupos sociais.

Para Lucia Reily (2010 p. 230 apud KLAUSEN 2013 p. 51) em termos de artes visuais, são raras as referências históricas sobre a prática dessa área curricular para pessoas com deficiências intelectuais ou físicas. Sabe-se, entretanto, o importante papel da arte em todos os meios e, em particular, entre os que têm alguma deficiência.

Segundo Cicilia Peruzzo (2008), ultimamente, mais precisamente no início deste século, observa-se uma retomada crescente de iniciativas de comunicação popular alternativa e comunitária no Brasil que, agora, incorporam inovadores formatos e canais de difusão possibilitados pelas novas tecnologias de informações e comunicação (NTIC). São experiências ligadas a movimentos sociais, associações comunitárias e de vários outros tipos de organizações não governamentais, segmentos comunitários autônomos (infanto-juvenil, estudantil etc.), projetos de extensão (e de outros tipos) de universidades, iniciativas de rádio escola que, muitas vezes, extrapolam o espaço escolar e estabelecem elos com a “comunidade” local e assim por diante. São pequenos jornais, fanzines, alto-falantes, jornais murais, *web rádio*, bicicleta de som, carro de som, grupos de teatro, vídeos, rádios comunitárias, canais comunitários de televisão, *blogs*, *fotologs*, *sites* etc., que servem de pretexto para a realização de atividades de educação informal.

Por outro lado, as tecnologias digitais, em particular a câmera fotográfica, cada vez mais apresentam funcionalidades que ampliam a relação entre o indivíduo e o artefato. Ao mesmo tempo, o ato de fotografar vem apresentando novas formas de experienciar essa relação nos diversos momentos socioculturais vividos através do uso dessas tecnologias, principalmente pelo indivíduo comum.

Nesse contexto, o ato de fotografar pode desenvolver afetos, sentidos, significados e ressignificados, influenciados por elementos presentes no momento da interação (pessoas, objetos, cenário, situação, luminosidade, referências, associações, cores, condições climáticas, enquadramento, zoom, entre outros) quando o indivíduo manuseia a máquina fotográfica para tirar uma fotografia (RIBEIRO; SOUZA; CRUZ, 2009).

Vivenciando o sentimento de pertencimento – necessário a qualquer ser humano –



jovens exercem uma socialização criativa, que é a maneira mais direta de se ver e de se reconhecer o outro. Ao utilizar a fotografia como instrumento de inclusão social, se está, de maneira simples próxima ao dia a dia desses jovens, atuando contra posturas negativas em relação aos mesmos. Acesso é, então, a palavra-chave para entender as iniciativas que têm lugar nesse contexto.

Donis Dondis (1999, p. 4) lembra as palavras do artista visual húngaro László Moholy-Nagy quando ele, em 1935, disse: “Os iletrados do futuro vão ignorar tanto o uso da caneta quanto o da câmera.”

2.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

2.2.1 O CONTEXTO DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, pela Lei Federal 11.892, de 29 de dezembro de 2008, criou 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), distribuídos por todo o país, visando desenvolver um novo modelo de Educação Profissional e Tecnológica. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRS – Câmpus Porto Alegre faz parte desta rede de ensino.

O IFRS é uma instituição voltada para o ensino médio (Proeja), técnico, tecnológico, superior e de pós-graduação e suas oito áreas acadêmicas são organizadas por campos de conhecimento, tendo como atribuição aglutinar docentes e técnico-administrativos em educação de modo a promover o intercâmbio de experiências, fomentar a elaboração de projetos coletivos e articular suas demandas, nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão e setores voltados para a cultura, como a Coordenação de Projetos Culturais (CPC) e setores voltados para as ações afirmativas: Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas – NAPNE, e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABI (IFRS, 2016).

A Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professora Lygia Morrone Averbuck, criada e denominada pelo Decreto Municipal nº 9184 de 2 de junho de 1988, que tem sua sede no Município de Porto Alegre, Rua A-G Projetada, s/nº, Jardim Guanabara, vem desenvolvendo seu trabalho pedagógico desde 1989, atendendo Portadores de Necessidades



Especiais na área de deficiência mental, na faixa etária de zero a 21 anos. Os alunos permanecem na escola enquanto estiverem se beneficiando da proposta pedagógica até o limite de 21 anos.

A ação pedagógica procura desenvolver, além dos fatores cognitivos, os aspectos subjetivos de cada aluno, buscando sempre as possibilidades dos indivíduos. A opção de organização curricular a partir de uma concepção de conhecimento interdisciplinar, possibilita uma relação significativa entre conhecimento e realidade; desmantela uma abordagem curricular burocraticamente pré-estabelecida, envolve o educador na prática de construir o currículo; determina uma relação dialética entre a realidade local e o contexto mais amplo (PMPA, 2016).

A Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, fundada em 1988, foi a primeira escola especial municipal de Porto Alegre para atender alunos com deficiência mental. Nessa época, houve vários movimentos da comunidade do bairro Cristal contra a abertura da escola, pois essa não desejava ter em suas proximidades uma escola para “anormais”, o que poderia até desvalorizar os imóveis da região.

No ano de 1995 foram iniciados os Projetos de Integração na escola, que ofereciam vagas para alunos “normais” da comunidade nos cursos oferecidos, até então, apenas para alunos “especiais” – cursos de máscaras, de teatro, de dança, de artes plásticas, de jovem cientista, de vôlei e de educação ambiental. Nesse mesmo ano, foi constituído o Projeto de Trabalho Educativo, com o objetivo de integrar os alunos das escolas especiais a experiências de trabalho.

Em 1996, o Projeto de Integração estendeu-se para a Educação Infantil. Crianças da comunidade com 4 e 5 anos de idade puderam passar a frequentar as atividades do 1º ciclo, inicialmente em uma turma-piloto e, posteriormente, em todas as turmas.

Tais projetos foram construídos com o objetivo de efetivar o que no Regimento Escolar é denominado “dessegregação” de sujeitos com algum tipo de deficiência, assim como do espaço da escola especial na comunidade, possibilitando que, por meio de ações educativas e de relações sociais ampliadas e aprofundadas, possa ser construído conhecimento, desenvolvida a cidadania e reinventadas as formas de interação e convivência entre os diferentes.



Hoje, a escola continua investindo em tais possibilidades, ampliando o atendimento de zero até 21 anos, oferecendo Complementos Curriculares de Expressão, Som e Movimento, Artes, Fotografia, Máscaras e Jogos Teatrais (PMPA, 2016).

2.2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL DO CURSO

O projeto intitulado *Desenvolvendo percepções através da fotografia: o mundo de adolescentes com necessidades específicas visto através das lentes* foi composto por um curso em dois módulos, um entre outubro e novembro de 2013 e outro entre maio e junho de 2014. Cada módulo tinha uma turma de doze estudantes advindos das duas escolas parceiras – Escolas Municipais Especiais de Ensino Fundamental Professora Lygia Morrone Averbuck e Professor Elyseu Paglioli, ambas em Porto Alegre. Cada escola indicou, também, uma professora acompanhante. A escola Professora Lygia Morrone Averbuck enviou a professora Anahí Xavier da Cruz e a escola Professor Elyseu Paglioli, a professora Anelise Barra Ferreira, que foram de grande importância para o andamento do curso, pois as mesmas conheciam cada aluno de sua escola e eram referência para eles. Foram, também, as escolas que indicaram, por seus critérios próprios, seis alunos para participar de cada curso.

O transporte dos alunos ficou a cargo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRS. Os alunos com suas professoras eram recolhidos em suas escolas, no início do turno da tarde e devolvidos às mesmas no horário normal de final de turno, tendo em vista os horários do transporte escolar particular ou de os pais buscá-los na escola.

O IFRS providenciou máquinas fotográficas digitais para os estudantes que não tinham uma. Os encontros teóricos foram realizados nas dependências do IFRS, que havia destinado uma sala de aula para o projeto, com a infraestrutura necessária ou, em locais previamente agendados, tais como museus, galerias, parques, etc.

2.2.3 A METODOLOGIA

Por um ou outro motivo, máquina de fotografar e fotografar não eram estranhos para a maioria dos alunos. Porém, algumas abordagens deveriam ser feitas, pois era preciso ter uma ideia geral sobre a turma. Em se tratando de alunos com necessidades especiais de educação,



não era possível um conteúdo programático teórico-técnico como de costume. O que se poderia fazer era dar algumas noções e se valer das aulas práticas para uma melhor aprendizagem. Cada módulo tinha um encontro semanal. A carga horária de cada módulo foi de trinta e seis horas entre teoria e prática. Cada módulo foi de seis aulas, cada aula tendo a duração de três horas. O módulo 1 foi desenvolvido entre outubro e novembro de 2013 e o módulo 2 entre maio e junho de 2014. As atividades propostas para cada aula foram pensadas de maneira que essas não se tornassem monótonas e fossem lúdicas para todos. Foi levado em conta, também, que havia diferentes ocorrências de deficiências ou incapacidades.

Aqui são apresentadas as atividades desenvolvidas em cada uma das aulas de cada módulo do curso.

Conteúdos trabalhados no módulo 1:

Aula número 1:

- Apurando o olhar: Com a exploração de revistas de fotografia, cada aluno deveria escolher a imagem que achasse mais bonita, mostrá-la aos demais, explicando o porquê de ter gostado daquela imagem. Todas as imagens apresentadas por eles foram consideradas como sendo uma fotografia.

- Os equipamentos: Foram apresentados a eles os vários tipos de máquinas fotográficas que existem. Essa apresentação se deu pelo manuseio de máquinas da coleção do professor de fotografia. Eles puderam conhecer máquinas que usam filmes, máquinas digitais e máquinas em telefones celulares. Também, foi-lhes mostrado o equipamento que tira fotografias que há em alguns *laptops*, essas duas últimas igualmente digitais.

- Foto do crachá: Nessa atividade eles posaram para o professor tirar as fotografia que foram usadas no crachá de identificação de cada um. Foi montado, no fundo da sala de



aula, um pequeno estúdio para tal: um tecido preto preso na parede, uma cadeira e a máquina fotográfica no tripé. Depois que todos foram fotografados, o professor e as duas professoras, também tiraram suas fotografias para o crachá.

Aula número 2:

- Quem sou eu? As fotografias tiradas para os crachás foram exibidas, uma a uma, na tela de projeção e eles diziam de quem se tratava. Depois, receberam cada um o seu crachá.

OBS: Cada um tinha, na parte frontal, o nome, a fotografia, a escola a que pertencia e o nome de sua professora. No verso do crachá havia o símbolo do IFRS e um aviso de encaminhamento com os números dos telefones do Instituto, dos professores do projeto e da escola de cada um. Essa foi uma medida de segurança essencial, pois, no projeto, estavam programadas saídas de campo.

- Máquinas no pulso: Cada um dos alunos recebeu sua máquina fotográfica e teve a primeira aula prática: Para que serve a “cordinha”? (alça de segurança). Como carregar com segurança a máquina fotográfica. Outra importante providência, tendo em vista as dificuldades motoras de alguns.

- Um território, um olhar: Em seguida, foram visitados pelo diretor do IFRS, convidados a fazer um passeio pelo prédio para conhecer os setores e as pessoas que trabalham na casa. Nesse passeio, já com as máquinas em punho, puderam tirar as primeiras fotografias.

- Arquivo: No retorno, cada aluno entregou sua máquina para que o professor, em outro momento, baixasse as imagens feitas.



OBS: Um aspecto foi levantado nesse momento: eles deveriam ser orientados, de alguma maneira, a tirar menos fotografias, pois alguns quase haviam preenchido todo o cartão de memória da máquina.

Aula número 3:

- Aula prática sem tema definido: Visita à Usina do Gasômetro na orla do lago Guaíba. Lá, acompanhados pelos três professores, eles puderam fotografar o que quiseram, além de explorar as dependências do Gasômetro, onde puderam conhecer duas exposições que estavam em cartaz.

OBS: Como primeira saída de campo fora das dependências do IFRS, não ocorreu nada fora do comum, pois o ambiente fechado do Gasômetro facilitou a observação dos alunos por parte dos professores.

- Arquivo: Ao retornar, cada aluno entregou sua máquina para que o professor, em outro momento, baixasse as imagens feitas para o acervo individual que foi criado.

Aula número 4:

- Aula prática com o tema “Um retrato do meu amigo”: Agora, mais seguros com o ato de fotografar, fotografaram seus amigos nas dependências do IFRS em várias situações e de diferentes maneiras.

OBS: Alguns aproveitaram para externar o quanto gostavam de ser fotografados, principalmente as meninas, ao passo que outros mostraram muita resistência para se deixar fotografar, no que foi necessária a interferência dos professores.

- Arquivo: No retorno cada aluno devolveu sua máquina para que o professor, *a posteriori*, baixasse as imagens feitas para o acervo que havia sido criado para um.



Aula número 5:

- Aula prática sem tema definido: Visita ao Teatro São Pedro, à Praça da Matriz, ao Palácio Piratini e à Catedral de Porto Alegre. Sempre acompanhados, puderam fotografar o que quiseram.

OBS: Essa saída de campo foi um grande teste, pois envolvia espaços como rua e calçada e, conseqüentemente, exigiu muito mais atenção por parte dos professores.

- Arquivo: No retorno cada aluno entregou sua máquina para que o professor, em outro momento, baixasse as imagens feitas para o acervo individual que foi criado.

Aula número 6:

- Prática de curadoria: Nessa aula, cada aluno escolheu uma fotografia que tirou na aula em que o tema foi “Um retrato do meu amigo”.

OBS: A escolha ficou por conta deles e, sempre que possível, justificaram sua escolha. A justificativa para a escolha desse tema é o fato de o retrato ser a maneira mais direta de se ver no outro e de reconhecer o outro.

- Escolhidas as fotografias, essas foram passadas para outro arquivo, que foi denominado *AMIGO*.

- Ao final da aula foi pedido que cada um levasse, no primeiro dia de aula do segundo módulo (maio de 2014), uma fotografia que tivesse tirado nas férias. Como as professoras continuariam a ter contato com eles, cobrariam deles essa ação.



OBS: Até esse momento, eles não sabiam que seria organizada uma exposição com as fotos que eles haviam tirado do amigo.

Durante o recesso escolar, o professor de fotografia fez o tratamento das imagens fotográficas e buscou um patrocinador (amigo do projeto) para imprimi-las. Além de imprimir as fotografias no tamanho 25 x 30 cm, o patrocinador entregou as fotografias com *passepapout* (uma espécie de moldura, usualmente de papelão, colocada sobre a imagem) de 5 cm num suporte de *foam* (tipo de espuma resistente) de 2,0 cm de espessura, para que ficassem rígidas, o que as deixou com uma belíssima apresentação.

Conteúdos trabalhos no módulo 2:

Aula número 7:

- Surpresa!: Nesse dia de reencontro, os alunos falaram um pouco sobre as “férias” e tiraram uma fotografia em conjunto com o grupo. Depois, foram encaminhados para a lanchonete do IFRS onde se depararam com a exposição *AMIGO* montada no Corredor Cultural.

OBS: Esse foi um momento muito especial do curso. Pela primeira vez eles estavam vendo seus trabalhos expostos. Entre eles, houve uma confraternização muito grande. Faziam questão de mostrar, a todos que estavam lá, sua fotografia, quem era o amigo que tinham fotografado e quem o tinha fotografado. Estudantes e funcionários do IFRS foram os primeiros a prestigiar o momento.

- Lanche: Na exposição.



Aula número 8:

- Aula prática sem tema definido: Visita ao Jardim Botânico de Porto Alegre. Lá, acompanhados, eles puderam visitar o orquidário e o serpentário e fotografar o que quisessem.

OBS: Para essa saída de campo, foi preparado um piquenique pelas professoras que contou, também, com a colaboração de alguns pais e do IFRS.

- Arquivo: No retorno cada aluno entregou sua máquina para que o professor, em outro momento, baixasse as imagens feitas para o acervo de cada um que foi criado.

Aula número 9:

- Aula prática sem tema definido: Visita à Fundação Iberê Camargo. Lá, foram acompanhados por dois monitores da casa que mostraram a eles as exposições em curso. Puderam fotografar tudo que quisessem.

OBS: Nessa saída de campo aconteceu o único fato negativo. Um dos alunos esqueceu sua mochila em algum local da Fundação ou do ônibus e essa não foi recuperada.

- Arquivo: No retorno cada aluno entregou sua máquina para o professor baixar as imagens feitas para o acervo que foi criado para cada um.

Aula número 10:

- Aula prática sem tema definido: Visita ao Santander Cultural para ver uma exposição sobre o *design* italiano. Nessa instituição, não tiveram acompanhamento específico dos monitores da mesma, apenas foram orientados a não mexer nas obras. Puderam fotografar o que quisessem.



- Arquivo: Ao retornar, os alunos entregaram suas máquinas para que o professor, em outro momento, pudesse baixar as imagens feitas para o acervo individual que havia sido criado.

Aula número 11:

- Arquivo: Primeira seleção das fotografias para a grande exposição do final do curso. Os três professores participaram da atividade e visualizaram o acervo individual de cada um dos alunos.

OBS: Ao longo do curso, sempre que possível, os professores trocavam informações sobre as fotografias que estavam sendo tiradas, selecionando as melhores e deletando as demais, para limpar os arquivos.

Aula número 12:

- Arquivo: Segunda seleção das fotografias para a grande exposição do final do curso. Os três professores participaram da atividade e visitaram o acervo individual de cada um dos alunos.

OBS: Nesse último encontro, ficou definido qual fotografia de cada um dos alunos seria mostrada na exposição final.

3 RESULTADOS

Com referência aos objetivos lançados no começo do projeto, pode-se afirmar que os resultados obtidos foram plenamente satisfatórios. A questão da sociabilização dos jovens envolvidos na ação extensiva foi bastante evidenciada quando, depois do curso, os pais declararam isso em conversas informais com as professoras envolvidas.



Com a sociabilização, houve, a reboque, a criação de um sentimento de pertencimento. Já ao longo do curso, foi possível notar o entrosamento entre os participantes em situações em que um ajudou o outro em sua locomoção, por exemplo, ou ajudou um colega explicando-lhe o que sabia sobre fotografia, além de outras demonstrações de coleguismo.

A questão técnica fotográfica nunca foi o objetivo primordial do curso, porém, em vários momentos, foi possível perceber uma melhora significativa desse aspecto. Muitas vezes a observação funcionou como grande aliada, como, por exemplo, quando começaram a notar que era possível fotografar de outra posição que não somente a em pé. Aos poucos, os enquadramentos amplos foram sendo substituídos por enquadramentos mais próximos, ao mesmo tempo em que alguns se utilizaram da técnica da moldura e de inclinações, o que demonstrou um maior conhecimento do próprio olhar. Outro aspecto positivo foi a maneira como seguravam a máquina. Além do uso da cinta de segurança, manuseavam os comandos da máquina com mais propriedade.

Artisticamente, os resultados foram altamente produtivos. A primeira exposição, que foi nas dependências do IFRS, *AMIGO*, recebeu em seu livro de visitas mais de 500 assinaturas durante o mês em que ficou ativa. Vários depoimentos dos estudantes do IFRS demonstraram o reconhecimento do trabalho deles.

Apresenta-se, aqui, alguns dos retratos da exposição *AMIGOS*, em que os alunos foram retratados por seus colegas (Figura 1).

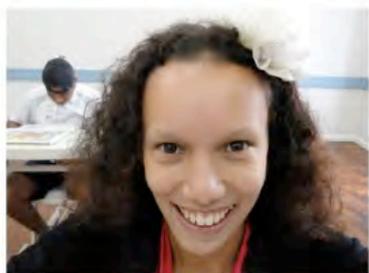


Figura 1: Alguns retratos da exposição *AMIGOS*.

Fonte: Acervo do IFRS.

A segunda exposição, a do dia da formatura, chamou muito a atenção dos pais em relação aos trabalhos que tinham sido feitos. O trabalho de todos foi mostrado para que os pais, familiares, amigos e demais professores pudessem ter uma visão geral do que foi produzido (Figura 2).



Figura 2: Dia da formatura com fotografias decorando o ambiente.

Fonte: Acervo do IFRS.

A terceira exposição, *ASPAS*, foi realizada fora do IFRS, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e foi selecionada por edital público da instituição. Na exposição final pôde-se ver os olhares de cada um sobre o meio que o rodeia. Todos os estudantes fotografaram, espontaneamente, seu próprio meio e coube ao professor organizar em grupos esses olhares: cotidiano, natureza, imagens artísticas, cidade e outros temas. Os alunos participaram da “curadoria”.

As fotografias apresentam características bem peculiares. Na Figura 3, por exemplo, quando perguntado por que tinha cortado a cabeça do rapaz que segurava o cachorro o aluno que havia feito a imagem olhou para a imagem com muita calma e me perguntou: “*que rapaz?*” Ou seja, o foco dele era o cachorro. Seu enquadramento fotográfico é próprio, único. Ele nem percebeu que o cachorro estava acompanhado. Isso se repete em várias fotografias: um foco intencional.

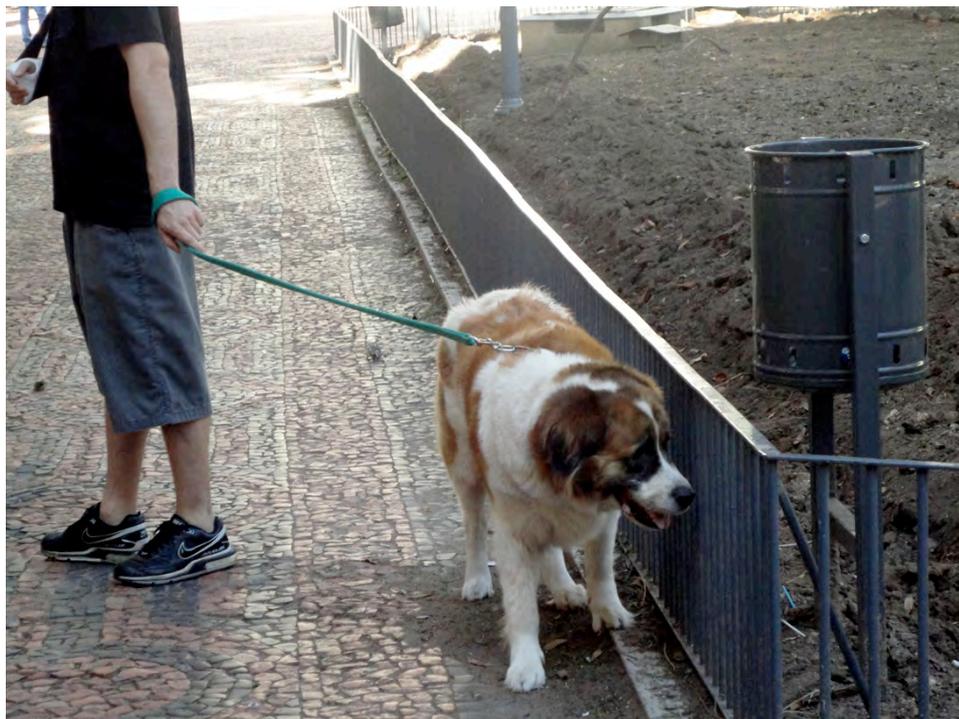


Figura 3: Fotografia de Cleiton Gomes. Exposição *ASPAS*.

Fonte: Acervo do IFRS.

Na fotografia da cúpula do antigo Hotel Majestic (Figura 4), no Centro Histórico de Porto Alegre, o que chama atenção é a noção de profundidade de planos. O elemento principal fotografado destaca-se dos demais que há na cena, em vista não só de sua centralidade mas, também, devido à mencionada questão relativa à profundidade que se percebe na cena em planos.



Figura 4: Fotografia de Leonardo Delgado. Exposição *ASPAS*.

Fonte: Acervo do IFRS.

A imagem da escada em caracol é de uma perspectiva única (Figura 5). Em fotografia chamamos este tipo de tomada fotográfica de plano *contra-plongée* – quando a imagem é feita de baixo para cima. Neste caso, além do plano *contra-plongée*, outras características marcantes da imagem são seu movimento e o equilíbrio cromático entre as duas cores predominantes.



Figura 5: Fotografia de Leonardo Delgado. Exposição *ASPAS*

Fonte: Acervo do IFRS

Nesta fotografia (Figura 6) em que há uns rapazes conversando, os elementos – bancos, carrinho de lixo, pessoas –, as texturas – lisa, das águas do Guaíba, favo de mel da calçada – e linhas dadas pelos corrimãos, estão em perfeito equilíbrio.



Figura 6: Fotografia Christian Duarte. Exposição *ASPAS*.

Fonte: Acervo do IFRS.

Na Noite da inauguração da exposição *ASPAS*, na Galeria Espaço IAB, Sala Negra, a presença dos parentes e amigos foi significativa, além de pessoas da comunidade de Porto Alegre, artistas em grande parte, que tomaram conhecimento sobre a mesma pela mídia, que lhe deu uma ampla cobertura. O IAB também divulgou muito a exposição, já que a mesma havia sido selecionada por um edital público no ano anterior. A presença de uma emissora (TVE) na noite da inauguração foi outro ponto alto, até porque alguns alunos fizeram questão de dar “seu recado”, com a espontaneidade natural de adolescentes, para o repórter da emissora.

Outro aspecto relevante desse projeto foi o engajamento das comunidades próximas (comunidades escolares, amigos, empresários, dirigentes e agentes culturais entre outros) no mesmo. Parte da divulgação ficou por conta da agência de publicidade de um amigo do projeto, que atuou junto aos órgãos de mídia para divulgação. Outro grupo de amigos forneceu o coquetel da noite da inauguração da exposição e alguns se ofereceram para ir buscar os pais e as crianças em suas casas.



Para muitos pais, segundo palavras de alguns deles, o momento da inauguração foi como um “resgate” de seus filhos. Muitos demonstraram uma grande emoção e fizeram questão de ser fotografados com os filhos ao lado de sua obra. Os comentários técnicos de fotógrafos que estavam presentes foram muito gratificantes.

A Sala Negra do IAB ficou pequena para todos os convidados que foram prestigiar o resultado obtido por esses jovens que souberam muito bem responder a uma oportunidade que lhes foi oferecida. Oportunidade que, na verdade, deveria ser constantemente ofertada pela comunidade em que estão inseridos (Figura 7).



Figura 7: Noite de inauguração da exposição *ASPAS* no IAB. 14 de agosto de 2014.

Fonte: Acervo do IFRS.

A noite era deles (Figura 8). A presença dos professores e organizadores, ali, era apenas para chancelar o esforço de cada um deles.



Figura 8: O grupo na noite de inauguração da exposição *ASPAS* no IAB. 14 de agosto de 2014.

Fonte: Acervo do IFRS.

Ao utilizar-se a fotografia como instrumento de inclusão social, surgiu um anseio de mexer com a comunidade que estava à volta, de modo a integrar indivíduos e plantar sementes valiosas de combate ao preconceito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões relativas à inclusão sociocultural, ao pertencimento e à sociabilização de jovens em situação de desvantagens em relação a outros grupos sociais, são passíveis de êxito em qualquer situação, mesmo sendo a ferramenta para tal algo tão simples como o ato de fotografar.

Salienta-se que essa atividade tem um apelo muito grande nas comunidades em que é feita e isso não deve ser menosprezado por aqueles que se dispõem a desenvolver ações inclusivas.

A receptividade do grupo por parte das instituições que o recebeu foi outro fator muito importante. Salienta-se, entretanto, a necessidade de agendamento e explicação de que tipo de



grupo se trata. Em todas as instituições visitadas, os agentes culturais tiveram o maior cuidado em bem atendê-lo.

Um aspecto que poderá ser importante em um eventual futuro curso é a presença de estudantes de Pedagogia, que poderiam atuar como monitores. Estudantes com necessidades especiais de educação têm muito a ensinar.

Salienta-se, antes de encerrar, que, em momento algum, durante todas as saídas em espaços públicos ou para visita a instituições, houve qualquer tipo de reação negativa em relação à presença do grupo. Pelo contrário, apesar de os membros do grupo serem muito expansivos!

A sociedade, por meio de pequenas ações, pode criar as pontes necessárias para diminuir as distâncias existentes entre os não iguais. O maior reconhecimento de si próprio é o reconhecimento do outro. Os avanços tecnológicos que estão, hoje, ao alcance de todos, não permitem mais excluir qualquer pessoa por essa ou aquela necessidade especial, tanto física quanto mental. Cada ser é único em suas especificidades. Na sociedade civilizada que buscamos, não há lugar para indiferença.

REFERÊNCIAS

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo, GUIMARAES, Marly. *Educação Inclusiva*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FONSECA, Vitor da. *Educação Especial: Programa de Estimulação Precoce*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS. A instituição. Disponível em: <http://www.poa.ifrs.edu.br/institucional/a-instituicao>. Acesso em: 22 nov. 2016.

KLAUSEN, Adriana Paula Siqueira. *O ensino das artes visuais: algumas possibilidades na aprendizagem da arte em alunos com necessidades educacionais especiais*. Porto Alegre, 2013. 62 f. Trabalho de conclusão de graduação em licenciatura em artes Visuais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2013.



MENDES, Ricardo Fotografia e inclusão (social): revendo experiências das últimas três décadas. Revista D'Art. São Paulo, p. 71 – 75. Disponível em: http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista_dart/pdfs/dart12%20fotografia%20e%20inclus%C3%A3o%20social.pdf Acesso em: 24 nov. de 2016.

MONTARDO, Sandra Portella. Fotos que fazem falar: desafios metodológicos para análise de redes temáticas em fotologs. Disponível em: www.revistaelectronica.pucs.br. Acesso em: 24 nov. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial sobre a deficiência. World Health Organization, The World Bank, Tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. São Paulo: SEDPcD, 2012, 334 p.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era cibernética. In: Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Escola Professora Lygia Morrone Averbuck**. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/lygia/historia.html>. Acesso em: 22 nov. 2016.

_____. **Escola Professor Elyseu Paglioli** Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/elyseu/historia.html>. Acesso em: 22 nov. 2016.

RIBEIRO, Alexandre; SOUZA, Samille; CRUZ, Karla. O papel da fotografia na percepção do mundo e o recorte do indivíduo comum como um ato de construção sociocultural de si mesmo. Disponível em: www.slidesearch.org. Acesso em: 21 nov. 2016.

*Recebido em 11 dezembro de 2017
Aprovado em 28 de março de 2017*